

**UMA ANÁLISE DA CRIAÇÃO LEXICAL  
ESTILÍSTICA NO POEMA “CASO PLUVIOSO”,  
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

*Everton Lourenço da Silva Maximo (FAMA)*  
[everton.lourenco.maximo@gmail.com](mailto:everton.lourenco.maximo@gmail.com)

**RESUMO**

A língua, em seu dinamismo, está em constante transformação, e o seu componente mais afetado por esse processo é o léxico, que se renova ininterruptamente, através da obsolescência de certas formas e da criação de novas unidades vocabulares. Se a língua em seu uso cotidiano já ensina a criatividade lexical, tal fenômeno ganha um impulso ainda maior quando se trata do discurso literário, no qual se buscam novas formas expressivas. Portanto, o texto literário se mostra uma importante fonte para os estudos lexicais, notadamente naquilo que tange ao fenômeno da neologia. Sendo assim, neste trabalho analisaremos as criações neológicas empregadas no poema “Caso pluvioso”, de Carlos Drummond de Andrade, buscando compreender como o poeta utiliza os recursos providos pela língua em prol de sua expressão literária, através da criatividade lexical.

**Palavras-chave:** Morfologia. Neologia. Criatividade lexical.

**ABSTRACT**

Language, in its dynamism, is constantly changing, and the lexicon, its most affected component, renews itself continuously through the obsolescence of certain forms and the creation of new vocabulary units. If language in its daily use presents lexical creativity, such phenomenon is even more frequent in literary discourse. Therefore, the literary text is an important source for lexical studies, especially regarding the phenomenon of neology. Thus, in this paper we will analyze the neological creations in the poem “Caso pluvioso”, by Carlos Drummond de Andrade, seeking to understand how the poet uses the resources provided by the language for its literary expression, using lexical creativity.

**Keyword:** Morphology. Neology. Lexical creativity.

**1. Introdução**

O inventário de palavras de uma língua está em constante reformulação. Isso ocorre porque, com o tempo, algumas palavras passam a ser menos frequentes ou mesmo desaparecem, enquanto outras são criadas ou emprestadas e passam a integrar o inventário lexical. Esses processos fazem parte do dinamismo da língua, que está em constante mudança, nas suas mais diversas dimensões. Sobre isso, Aderlande Pereira

Ferraz (2006) diz:

Uma das características universais mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. (FERRAZ, 2006, p. 219)

Sendo assim, embora a língua como um todo esteja em permanente transformação, o léxico é o seu componente mais afetado, uma vez que está mais diretamente ligado ao campo extralinguístico, como atesta Aderlande Pereira Ferraz (2006):

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. (FERRAZ, 2006, p. 219-20)

Se a língua em seu uso cotidiano já enseja a criatividade lexical, tal fenômeno ganha um impulso ainda maior quando se trata do discurso literário, uma vez que este está “a serviço da criação estética, utilizando sistematicamente recursos e convenções próprias de objetivo artístico” (CÂMARA JR., 2004, p. 162). Sendo assim, como é bastante comum que na literatura sejam usadas as potencialidades da língua com finalidades distintas daquelas que em geral têm os falantes em situações comunicativas cotidianas, certos escritores usam de maneira consciente o seu conhecimento linguístico, normalmente inconsciente, gerando palavras a partir dos diversos recursos que a gramática provê. Como diz Solange Maria Moreira de Campos (2012):

Ao fazerem uso desses artifícios, os escritores demonstram conhecer o sistema linguístico e se apoiam em sua sensibilidade e intuição de artifícios e artesãos da palavra para se expressarem através de todos os meios que a língua lhes oferece, numa harmonia bem trabalhada para gerar expressividade, pois ali nada parece artificial ou gratuito. (CAMPOS, 2012, p. 1-2)

Dessa forma, na literatura, vemos as estruturas linguísticas sendo levadas ao limite, fugindo muitas vezes da norma, enquanto são exploradas as mais diversas possibilidades do sistema linguístico. Por essa razão, Solange Maria Moreira de Campos (2012, p. 1) diz que “o texto literário apresenta-se, pois, como *corpus* ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, estabelecendo uma relação de empatia que redunde em conhecimento, ludicidade e prazer”.

Dito isso, no presente trabalho analisaremos as criações neológicas empregadas no poema “Caso pluvioso”, de Carlos Drummond de Andrade, buscando compreender como o poeta utiliza os recursos providos pela língua em prol de sua expressão literária, através da criatividade lexical.

## **2. A neologia e o texto literário**

Chamamos de *neologia* o processo de criação de novas unidades lexicais. De modo geral, a literatura sobre o assunto tem distinguido entre dois tipos de neologia em relação à razão de sua criação: a *neologia denominativa* e a *neologia estilística* (ou *conotativa*).

Segundo Louis Guilbert (1973), a neologia denominativa resulta da necessidade de se atribuírem nomes àquilo que é inventado, uma vez que um objeto (ou um conceito) inédito não possui nome no léxico da língua. Os neologismos resultantes desse processo tendem a entrar no sistema linguístico, seguindo a penetração social do objeto (ou do conceito) que nomeiam. Já a neologia estilística (ou conotativa) baseia-se na busca da expressividade, trazendo novos modos de se referir àquilo que já possui uma forma de expressão na língua.

A neologia estilística é a que mais interessa, quando se estuda o fenômeno neológico em obras literárias, uma vez que esse tipo de inovação não visa a simplesmente dar um nome alternativo às coisas, mas tem finalidade expressiva, como Louis Guilbert (1975) diz:

Esta forma de criação, a rigor chamada de poética, pela qual são produzidos um novo material linguístico e um significado diferente daquele mais difundido, está relacionada à profunda originalidade do indivíduo falante, à sua faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão, fora dos modelos recebidos ou contra os modelos recebidos. Ela é própria daqueles que têm algo a dizer, que se sentem bem, e que querem dizer com suas palavras, seus arranjos de palavras, ela é própria dos escritores. (GUILBERT, 1975, p. 41) (Tradução nossa)

A neologia estilística, portanto, é um recurso bastante utilizado por escritores que, no seu trabalho com a linguagem, acabam por perceber as diversas formas que a língua oferece para a formação de palavras, lançando mão desses recursos para fins artísticos. Sendo assim, o uso do léxico virtual da língua é uma manifestação do trabalho com a linguagem típico da literatura, que força a língua até o seu limite. Dessa forma, muitos aspectos não explorados nos usos cotidianos da língua emergem no

labor poético.

Um exemplo dessa dinâmica está na quebra do bloqueio lexical. O fenômeno do bloqueio, percebido por Mark Aronoff (1976), faz com que formas regulares e produtivas deixem de ocorrer na língua por já existir uma palavra concorrente. Tomemos como exemplo a forma *\*dedetizamento* que não é empregada pelos falantes, apesar de seguir os padrões de nominalização da língua, como vemos no quadro abaixo.

Base verbal	Nome derivado
Deslizar	Deslizamento
Balizar	Balizamento
Ajuizar	Ajuizamento
Acatar	Acatamento
Ajuntar	Ajuntamento
Despertar	Despertamento
Dedetizar	*Dedetizamento

Quadro 1: Bloqueio lexical.

Como vemos, a forma *\*dedetizamento* segue um padrão de nominalização recorrente. Portanto, a sua não utilização não se deve ao fato de haver alguma restrição gramatical a essa formação, mas ao fato de já existir a forma concorrente *dedetização*. Sendo assim, temos a ação do bloqueio lexical toda vez que estamos diante da “não ocorrência de uma forma devido à simples existência de outra” (ARONOFF, 1976, p. 43) (tradução nossa).

O bloqueio, em certa medida, cerceia a criatividade lexical dos falantes. Porém, alguns escritores burlam essa propriedade da língua, produzindo formas concorrentes de outras que já existem.

É importante notar que, por seu caráter mais subjetivo, os vocábulos resultantes do processo de neologia estilística tendem a ter uma existência efêmera, ficando restritos ao nível do discurso, sem se perpetuar no sistema linguístico (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 18). Sobre isso comenta Joaquim Matoso Câmara Jr. (1978):

Criações destas não vêm a ser, propriamente, um enriquecimento do vocabulário [...] valem por seu efeito de momento, como uma comparação ou uma metáfora, e, como elas, não visam a radicar-se na língua, senão a executar uma tarefa expressiva no discurso. (CÂMARA Jr., 1978, p. 63)

## 2.1. O conceito de neologismo

A definição do que é um neologismo tem gerado não pouca controvérsia entre os pesquisadores do assunto, uma vez que há um debate

sobre qual seria o melhor critério para se chegar a essa definição.

Louis Guilbert (1975) propõe o conceito de *sentimento de novidade* (algumas vezes chamado de *critério psicológico*), que consiste no reconhecimento por parte do falante da inovação lexical. A esse respeito, Ieda Maria Alves (2007) comenta: “Ao criar um neologismo, o emissor tem, muitas vezes, plena consciência de que está inovando, gerando novas unidades lexicais (...). Essa sensação de neologia traduz-se graficamente por processos visuais como aspas, maiúsculas e itálico” (...) (ALVES, 2007, p. 83-4).

Do ponto de vista da recepção, o mesmo ocorre, isto é, diante de uma palavra criada, o ouvinte/leitor também é tomado por uma sensação de novidade, reconhecendo um neologismo. Assim tanto emissor quanto receptor estão envolvidos na inovação lexical, como aponta Louis Guilbert (1973):

É, portanto, o sujeito falante que cria o neologismo, mas o faz enquanto membro de uma comunidade com a intenção, explícita ou não, de enriquecer a comunicação. Ao mesmo tempo, o interlocutor envolve-se na criação, uma vez que é o destinatário. (GUILBERT, 1973, p. 13) (Tradução nossa)

Esse critério tem como problema fundamental o seu caráter subjetivo, uma vez que o léxico muda de falante para falante, dependendo de vários fatores, como o local em que vive, seus interesses, o nível de cultura, o grupo social a que pertence, entre outros. Assim, o falante pode ter um falso sentimento de neologia, já que sempre haverá a possibilidade de estar diante de uma palavra desconhecida, mas já existente na língua.

Sendo assim, em geral, usam-se critérios mais objetivos para a definição de neologismo. Uma alternativa bastante utilizada é o *critério lexicográfico*, isto é, considerar como neologismos apenas as palavras não encontradas em dicionários. Embora os dicionários demorem a absorver inovações lexicais e utilizem critérios nem sempre muito claros na seleção das inovações incorporadas, podemos considerar que uma palavra dicionarizada deixou de ser um neologismo e passou a integrar o vocabulário estabelecido de uma língua. Sobre isso, Aderlande Pereira Ferraz (2005) diz:

Para muitos estudiosos [...], a noção de neologismo começa no dicionário (com o critério de identificação lexicográfico) e termina no dicionário (uma unidade lexical entra em processo de desneologização quando passa a ser registrada em uma obra lexicográfica). (FERRAZ, 2005, p.

Portanto, tendo como base o critério lexicográfico, seguiremos neste trabalho a definição de neologismo apresentada por Alain Rey citada por Margarida Correia e Gladis Maria de Barcellos Almeida (2012):

Neologismo é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua. (REY *apud* CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 23)

Os neologismos são tradicionalmente classificados, pelo tipo de novidade que apresentam, em dois grupos: *formais* e *semânticos*. Os neologismos formais ocorrem quando a sua forma significante é nova. Isso pode ocorrer através de diversos processos, como sufixação, prefixação e composição. Por sua vez, nos neologismos semânticos, o significante já existe, porém é usado para designar outros conceitos além dos atuais, isto é, há atribuição de um novo significado ao significante.

### 3. *Análise dos neologismos no poema “Caso pluvioso”*

Em seu poema “Caso pluvioso”<sup>47</sup>, Carlos Drummond de Andrade cria diversas palavras com as quais desenvolve a trama da chuva que o angustia, e trata de maneira cômica a inundação sem fim que tomou a sua vida. Segue o poema:

“Caso pluvioso”	
A chuva me irritava. Até que um dia descobri que maria é que chovia.	Não me chovas, maria, mais que o justo chuvisco de um momento, apenas susto.
A chuva era maria. E cada pingo de maria ensopava o meu domingo.	Não me inundes de teu líquido plasma, não sejas tão aquático fantasma!
E meus ossos molhando, me deixava como terra que a chuva lava e lava.	Eu lhe dizia - em vão - pois que maria quanto mais eu rogava, mais chovia.
Eu era todo barro, sem verdura... maria, chuvosíssima criatura!	E chuveirando atroz em meu caminho, o deixava banhado em triste vinho,
Ela chovia em mim, em cada gesto, pensamento, desejo, sono, e o resto.	que não aquece, pois água de chuva mosto é de cinza, não de boa uva.
Era chuva fininha e chuva grossa,	Chuvadeira maria, chuvadonha,

<sup>47</sup> Andrade (2012).

matinal e noturna, ativa... Nossa!	chuvinhenta, chuvil, pluvimedonha!
<p>Eu lhe gritava: pára! e ela chovendo, poços d'água gelada ia tecendo.</p> <p>Choveu tanto maria em minha casa que a correnteza forte criou asa e um rio se formou, ou mar, não sei, sei apenas que nele me afundei.</p> <p>E quanto mais as ondas me levavam, as fontes de maria mais chuvavam, de sorte que com pouco, e sem recurso, as coisas se lançaram no seu curso,</p> <p>e era o mundo molhado e sovertido sob aquele sinistro e atro chuído.</p> <p>Os seres mais estranhos se juntando na mesma aquosa pasta iam clamando</p>	<p>contra essa chuva, estúpida e mortal catarata (jamais houve outra igual).</p> <p>Anti-petendam cânticos se ouviram. Que nada! As cordas d'água mais deliraram, e maria, torneira desatada,</p> <p>mais se dilata em sua chuvarada.</p> <p>Os navios soçobram. Continentes já submergem com todos os viventes,</p> <p>e maria chovendo. Eis que a essa altura, delida e fluida a humana enfibratura,</p> <p>e a terra não sofrendo tal chuvência, comoveu-se a Divina Providência,</p> <p>e Deus, piedoso e enérgico, bradou: Não chove mais, maria! – e ela parou.</p>

Neste poema há uma identificação da mulher (Maria) com a chuva, signo daquilo que toma toda a vida do poeta e o perturba, irrita, comove, desespera. Gradativamente, essa chuva-maria vai inundando toda a vida do poeta, escorrendo por todos os cantos, tomando formas diversas, ganhando volume e aumentando cada vez mais o seu poder destrutivo. Sobre isso, Marly Catarina Soares (2002) diz:

A mulher neste poema é o signo da destruição. O fato de fazê-la chover em abundância, hiperbolicamente, confere-lhe tal sugestão. Chuva e água são benéficas se ocorrem na medida certa, no tempo certo, porém em quantidade exagerada têm efeito devastador, destroem tudo o que encontram pela frente. O benefício se transforma em destruição ilimitada, só passível de controle pela providência divina. (SOARES, 2002, p. 67)

Para a construção desse quadro, o emprego de neologismos foi um recurso que se mostrou muito produtivo, através do qual o poeta pode expressar de forma tragicômica os tormentos causados pela chuva em sua vida, como nos diz Elis de Almeida Cardoso Caretta (2009):

O poeta, usando determinadas formações, consegue o que a maioria dos falantes de uma determinada língua não vai conseguir nunca, ou seja, arrancar lágrimas, suspiros, sorrisos [...] é aí que se percebe que a língua

se presta, sim, à comunicação, mas também é por meio dela que se encontra espaço para a emoção. (CARETTA, 2009, p. 55)

Sendo assim, passaremos a analisar os neologismos empregados no poema, buscando evidenciar sua contribuição estética para a construção deste texto poético.

### **3.1. chuvavam (chubar) e chuveirando (chuveirar)**

Aqui há dois casos em que o poeta burla o fenômeno do bloqueio. Ambos os verbos são formas concorrente de *chover*. Ao criar palavras complexas a partir do nome *chuva*, portanto com o alomorfe do radical *chuv-*, o poeta gera uma maior identificação sonora com a chuva, seu tormento. Como diz Elis de Almeida Cardoso Caretta (2006, p. 688), “o poeta parece mostrar que dentro dessas formas verbais a chuva está presente. Essa chuva-maria não chove apenas. Ela *chuva* e *chuveira* sobre a vida do poeta”.

Em *chubar* há o acréscimo do sufixo verbalizador *-ar* ao nome *chuva*. Podemos observar que a forma de terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo (*chuvava*) apresenta o significante /chuva/ em seu tema, com a desinência modo-temporal (*-va*) fazendo uma espécie de eco, reforçando a ideia de intensidade da chuva. Além disso, como afirma Nilce Sant’Anna Martins (1989, p. 35), as consoantes constrictivas em geral “pelo seu caráter contínuo, sugerem sons de certa duração, bem como as coisas e fenômenos que os produzem”. A mesma autora diz que as consoantes constrictivas labiodentais, como o [v], “imitam sopros”. Vemos, portanto, o ganho expressivo da repetição dessa consoante no verbo criado, o que não ocorreria caso fosse utilizado o verbo *chover*, cuja forma análoga é *chovia*. Deve-se notar, ainda, que a vogal [a], aqui repetida juntamente com a consoante [v], “traduz sons fortes, nítidos e reforça a impressão auditiva das consoantes que acompanha” (MARTINS, 1989, p. 30).

Em *chuveirando* a inovação parte do substantivo *chuveiro*, em sua acepção de “forte pancada de chuva” (cf. HOUAISS, 2009). Neste caso, a palavra base já possui um valor enfático, garantido pelo acréscimo do sufixo *-eiro*, aqui com ideia de grande quantidade<sup>48</sup>, ao nome *chuva*. Assim, a partir dessa base, o poeta inova, gerando o verbo *chuveirar*, com o

---

<sup>48</sup> Como em neveiro, aguaceiro e lamaceiro, segundo Antônio Houaiss (2009).

sentido de “chover intensamente”.

O uso do gerúndio, com seu valor durativo usual, combinado com a locução adverbial de lugar “em meu caminho”, exprime o sentido de uma intensa e incessante chuva que acompanha o eu lírico por onde quer que ele vá.

### **3.2. chuvosíssima**

Esta forma apresenta um superlativo calcado no adjetivo *chuvosa*. O emprego do sufixo de superlativo *-íssimo(a)* não constitui propriamente um neologismo, dada a sua produtividade, razão pela qual não se gera aqui o sentimento de neologia característico das novas palavras. Contudo, sendo uma forma pouco usada, a palavra *chuvosíssima* tem importante valor expressivo, contribuindo para a atmosfera hiperbólica do poema.

### **3.3. chuvadeira, chuvadonha, chuvinhenta, chivil, pluvimedonha**

No espaço de um dístico, o poeta cria cinco itens lexicais formados a partir de *chuva* (embora um deles a partir da forma latina *pluvia*), empregando a figura da anominação, isto é, o uso recorrente de palavras com o mesmo radical. De fato, esse recurso é utilizado em todo o poema, mas é neste dístico que o vemos com maior intensidade. É interessante notar que a sequência de adjetivos nesses versos forma uma gradação, na qual o poeta cria palavras cada vez mais ofensivas para caracterizar a *chuva-maria*.

#### *3.3.1. chuvadeira*

Na forma *chuvadeira*, o poeta toma como base o particípio do verbo *chovar*, por ele criado: *\*chuvad(o) + -eira = chuvadeira*. Essa formação segue o padrão de palavras como *lavadeira*, *cantadeira* e *casadeira*.

Entre seus muitos significados, o sufixo *-eiro* pode apresentar um valor pejorativo, tal qual em palavras como *faladeira*, *namoradeira* e *procuradeira*, nas quais o sufixo tem significado agentivo. Segundo Mário Eduardo Viaro (2011), o valor pejorativo, nesses casos, está associado à ideia de repetição (aspecto iterativo). Assim, em *chuvadeira*, o poeta

ênfata de modo negativo a constância e ininterruptibilidade da chuva que tanto o aflige.

### 3.3.2. *chuvadonha*

Esse adjetivo tem por base o substantivo *chuva*, ao qual foi concatenado o sufixo *-onho*. Segundo Carlos Góes (1913, p. 199), esse sufixo tem entre os seus significados o de *aquilo que produz*. Assim, *chuvadonha* é aquela que produz chuva, à semelhança de palavras como *medonhoa* (aquilo que produz medo) e *enfadonho* (aquilo que produz enfado). Aliás, como aponta Elis de Almeida Cardoso Caretta (2009, p. 53), a presença da consoante /d/ em *chuvadonha* deve-se justamente por uma analogia a essas duas palavras, ainda que no caso delas a consoante faça parte do radical<sup>49</sup>. Assim a forma criada ganha ainda mais peso negativo, dando a ideia de uma chuva que é medonha, por ser muito intensa, e enfadonha, por ser persistente.

### 3.3.3. *chuvinhenta*

Nesta formação, há o acréscimo de dois sufixos a partir da base *chuva*. O primeiro sufixo concatenado é o formador de diminutivo *-inho*. Esse sufixo frequentemente apresenta valores negativos, como de ironia e de desprezo. Assim, a forma *chuvinha* já possui valor pejorativo.

A essa base é acrescido o sufixo *-ento*, formador de adjetivos, cujo significado é *cheio de*, tais como *sedento* e *barulhento*. Esse sufixo possui um valor pejorativo, ligando-se normalmente a substantivos que já possuam carga negativa, como em: *catarrento*, *fedorento*, *gosmento*, *melequento*, *nojento* e *pirracento*. Sendo assim, ao usar a forma de diminutivo (de valor negativo) como base, o poeta segue o comportamento comum do sufixo *-ento*, gerando uma forma enfaticamente pejorativa.

### 3.3.4. *chuvil*

Neste neologismo, temos o acréscimo do sufixo *-il* ao nome *chu-*

---

<sup>49</sup> Elis de Almeida Cardoso Caretta (2009, p. 54) salienta que esse fenômeno é similar ao que ocorre com relação ao par *cafeteira/leiteira*, em que o /t/ surge na primeira palavra por analogia à segunda, na qual a consoante faz parte do radical.

va. Esse sufixo forma adjetivos a partir de substantivos (por vezes em sua forma latina), denotando a qualidade referente ao nome que lhe serve de base (GÓES, 1913, p. 130): *viril* (de *vir*), *febril* (de febre) e *gentil* (de gente). Por vezes, esse sufixo traz um valor pejorativo, como em *pueril* (de *puer*), *senil* (de *senex*), *servil* (de servo), *mulheril* (de mulher) e *feminil* (de *femina*). Aqui, o valor negativo do sufixo é somado ao valor pejorativo que a palavra *chuva* recebe no poema.

Elis de Almeida Cardoso Caretta (2009) considera a possibilidade de que em *chuvil* haja um cruzamento vocabular entre *chuva* e *vil*, que resultaria numa palavra com poder de ofender a chuva. Estranha-se, no entanto, que a autora tenha usado como argumento para não analisar esse neologismo como formado pelo uso do sufixo *-il* o fato de se tratar de um adjetivo – “não podemos afirmar com segurança se, realmente, nesta palavra à base de ‘chuva’ foi acrescentado o sufixo *-il*, uma vez que temos agora um adjetivo” (CARETTA, 2009, p. 54) –, já que, como atestam tanto Carlos Góes (1913) e Antônio Houaiss (2009), quanto os exemplos aqui citados, esse sufixo é também formador de adjetivos. Ainda assim, não se deve desprezar o fato de a forma *chuvil* remeter à palavra *vil*, o que reforça seu valor expressivo e, possivelmente, tenha contribuído para a escolha do sufixo *-il* para essa formação.

### 3.3.5. *pluvimedonha*

Com este neologismo chega-se ao ápice da gradação elaborada no dístico. Aqui, com uma composição envolvendo a forma latina *pluvia* e o adjetivo *medonho*, o poeta cria seu vocábulo mais ofensivo, efeito para o qual concorrem principalmente dois fatores. O primeiro é o uso do adjetivo *medonho*, que segundo Antônio Houaiss (2009) significa aquilo “que provoca extrema reação de medo, horror, repulsa” ou ainda “atroz, execrável, revoltante”. Assim fica demonstrado todo o pavor e toda a aversão causados pela chuva.

O segundo fator está relacionado ao uso do radical *pluv-*, em contraste com os outros adjetivos do dístico, que são derivados de *chuva*, sendo formados, portanto, com o radical *chuv-*. Assim, ao mudar o radical do último elemento da gradação, o poeta quebra a expectativa do leitor, trazendo, ao mesmo tempo, ênfase para essa palavra e um espanto para o leitor que, por um instante, é irmanando com poeta no mesmo assombro diante da chuva.

### 3.4. chuvido

O sufixo *-ido* é normalmente um formador de particípio dos verbos de segunda e terceira conjugações (*vendido* e *falido*). Contudo, este não pode ser o caso, uma vez que o particípio de *chover* é *chovido*. Também não é o caso de ser o particípio de *chovar*, criado por Carlos Drummond de Andrade, já que se trata de verbo da primeira conjugação.

Elis de Almeida Cardoso Caretta (2009, p. 54-5) argumenta que neste caso o poeta substituiu o sufixo de valor diminutivo *-isco* pelo sufixo *-ido*, que daria um valor de intensidade: “utilizar o sufixo diminutivo *-isco*, formando ‘chuvisco’, parece pouco, uma vez que o poeta quer mostrar a intensidade da chuva”.

### 3.5. chuvência

O sufixo *-ência* forma substantivos com ideia de ação, resultado de ação, estado ou qualidade. Neste caso, a noção é de estado, sendo *chuvência* o “estado de chuva”, com uma provável analogia com palavras como *persistência* e *insistência*. Assim, temos a ideia de uma chuva constante e insistente, que vai, pouco a pouco, inundando o mundo, sem perspectiva de interrupção. Essa ideia é reforçada pelo uso do adjetivo *tal*, que remete ao que é descrito em versos anteriores:

Os navios soçobram. Continente  
Já submergem com todos os viventes,

### 3.6. anti-pretendam

Esta formação toma como base a forma latina *petendam*, tomada da expressão *ad petendam pluviam* (“para pedir chuva”), usada “como qualificativo de orações públicas, procissões etc., organizadas em certas regiões para pedir a Deus o fim de um período de seca prolongada” (RÓNAI, 2002, p. 21). A essa base, o poeta ao acrescenta o sufixo *anti-* e cria a palavra *anti-petendam*, um apositivo<sup>50</sup> que modifica o substantivo *cânticos*. Assim, *anti-petendam cânticos* são cânticos entoados para pedir

---

<sup>50</sup> Usamos o termo *apositivo*, como definido por Antônio Houaiss (2009): “diz-se de ou palavra, ou sintagma invariável, que condensa uma frase de teor adjetivo: lei antidroga / leis antidroga (leis que combatem o uso das drogas)”.

o fim da chuva, verdadeiros cânticos antichuva.

#### **4. Considerações finais**

Como vimos, o texto literário, na medida em que leva ao limite as possibilidades da língua, torna-se uma importante fonte de dados para estudos linguísticos. Isso se nota de forma bastante evidente no caso das criações neológicas, que têm um grande potencial expressivo, razão pela qual servem de modo ímpar à linguagem poética.

Sendo assim, pudemos analisar as inovações lexicais no poema “Caso pluvioso”, de Carlos Drummond de Andrade, notando como essas inovações ajudam na elaboração da trama tragicômica da chuva sem fim.

Embora os neologismos presentes em obras literárias normalmente não tenham vida longa na língua, seu estudo não se torna menos pertinente, assim como o seu valor estilístico. Como observa Nilce Sant’Anna Martins (1989):

[Os neologismos] evidenciam as potencialidades dos processos de renovação do léxico e dos elementos formadores (lexemas e morfemas), que são integrantes da língua. Ainda que novas palavras tenham existência efêmera, elas revelam um meio de o falante realizar o seu desejo de expressividade. Muitas delas são realmente de emprego restrito, e não poucas se limitam a uma ou outra ocorrência, da mesma forma que as metáforas que se criam para um único enunciado. Mas, pela sua novidade, causam um inegável efeito expressivo que não se pode menosprezar. (MARTINS, 1989, p. 111)

Portanto, a pesquisa neste campo é de grande valia não só para a melhor compreensão do texto literário em si, como também para o estudo da morfologia e da estilística léxica.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARONOFF, Mark. *Word formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1976.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*.

Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMPOS, Solange Maria Moreira de. Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula. *Anais do SIELP*, 2012, vol. 2, p. 1-14.

CARETTA, Elis de Almeida Cardoso. Rompimento do bloqueio lexical: expressividade e produção de sentido. *Estudos Linguísticos*, vol. XXXV, p. 685-93, 2006.

\_\_\_\_\_. Sufixo a serviço de um estilo. *Língua Portuguesa*, vol. 44, p. 52-5, 2009.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006. p. 217-34

GÓES, Carlos. *Diccionario de affixos, desinências e outros elementos de composição*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1913.

GUILBERT, Louis. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association internationale des études francaises*, n. 25, p. 9-29, 1973.

\_\_\_\_\_. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1997.

SOARES, Marly Catarina. Perfis de mulher na poesia de Drummond. *UNILETRAS*, n. 24, p. 61-72, 2002.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

VIARO, Mário Eduardo. A formação do significado agentivo de -eiro. In: *Actas del XVI Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística y Filología*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011. p. 2671-9.